



A Carne é Fraca, mas o Discurso é Forte: Construção de Sentidos Sobre o Corpo em uma Lista de Discussão Sobre Transtornos Alimentares¹

Carla Soares Faria²
Universidade Federal de Minas Gerais

Este trabalho é uma apresentação das linhas gerais de um projeto de pesquisa em andamento, no qual intentamos verificar as táticas e astúcias dos sujeitos comuns, materializadas como tentativas de se estabelecer modos de se relacionar com uma problemática do corpo cotidiana. Problematizando certo agenciamento de corpos que é proporcionado pela mídia contemporânea, e levando em consideração a dinâmica relacional estabelecida entre os sujeitos e entre os discursos sobre o corpo construídos telematicamente, objetivamos verificar as formas de participação nesse debate coletivo. Queremos apreender como os sujeitos, através das conformações dadas pelas interfaces telemáticas e pela dinâmica interativa de uma lista de discussão na internet se apropriam dessa construção discursiva sobre o corpo para atualizá-la.

Palavras-chave: comunicação mediada por computador, corporalidade, discurso, sociabilidade.

Este trabalho se inscreve junto ao projeto de pesquisa integrado do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG (GRIS) *Narrativas do Cotidiano III: o sujeito nas interfaces*, no subgrupo *Interfaces telemáticas: os sujeitos na atualização do virtual*. Nossa intenção é perceber, relacionar e distinguir sentidos para narrativas construídas por interlocutores na comunicação mediada por computador, tentando entender em que medida tais processos possuem uma dimensão colaborativa. Tomamos como referência aqui uma perspectiva semelhante à de Alex Primo: uma visão não ingênua da cooperação, que pressupõe que colaborar é encadear um processo ativo que envolve interações a partir de diferenças e semelhanças. Assim, nos aventuramos em perceber como a produção de sentido cotidiano das interações mediadas por computador vão sendo construídas e elaboradas; que astúcias emergiriam nesses fazeres cotidianos, podendo se materializar como tentativas de se

¹ Artigo apresentado no GT de Práticas Sociais da Comunicação, no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM SUDESTE, realizado em Juiz de Fora- MG em maio de 2007.

² Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista de iniciação científica da FAPEMIG vinculada ao GRIS – Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG, sob orientação da Prof. Dra. Maria Beatriz A. Satler Bretas. Email da autora: carlasoaresf@gmail.com



estabelecer modos de se relacionar com uma problemática do corpo que se coloca frente aos sujeitos cotidianamente.

Assim, para evidenciar as narrativas sobre o corpo construídas pelos atores em interlocução, tomamos como objeto de análise uma lista de discussão por e-mail, hospedada no Yahoogrupos, pública³ e de livre associação, que recebe o nome de *Grupo Sinto Muito*. Trata-se de uma lista de discussão sobre transtornos alimentares, que reconhece tais transtornos como problemas e cujos participantes se associam com o intuito de receber algum tipo de ajuda.

A partir desse objeto, queremos perceber de que maneira e quais narrativas estão sendo construídas pelos sujeitos através da comunicação mediada por computador. Ainda, como os conteúdos comumente veiculados sobre o corpo pelas diversas mídias são apreendidos pelos sujeitos e atualizados, emergindo em algum ponto nestas narrativas que vão sendo tecidas nas conversações telemáticas. Incidindo o olhar sobre esse objeto, focalizando o que lhe é peculiar (caráter local), cremos que será possível entender um pouco mais também do cenário externo (caráter global). Ao empreender uma amarra narrativa entre estes pólos, há a possibilidade de se encontrar um sentido para o modo como se colocam as questões sobre o corpo na atualidade.

Mas por que escolher um grupo de indivíduos que se reconhecem afetados patologicamente por transtornos alimentares, o que muitas vezes envolve algum tipo de opaçamento da imagem corporal, e não indivíduos quaisquer? Por que refletir sobre o extraordinário e não sobre o ordinário? Primeiramente, argumentamos que não se trata de um extraordinário em absoluto. É notório o aumento que se tem dessas patologias nos últimos anos (CORDÁS, 1995). É manifesto que cada vez mais elas se tornam ordinárias. Podemos dizer que elas são parte do cotidiano, uma vez que integram um

lugar de experiência, do vivido; lugar das partilhas e dos enfrentamentos; igualmente lugar da constituição dos laços e da sociabilidade. Falar do cotidiano é falar, em suma, de um trabalho e construção de um lugar no mundo - ocupação (humana, simbólica) de um espaço; vivência temporal (inserção em um presente que costura uma certa apreensão do passado e uma dada projeção do futuro); estabelecimento de identificações e distinções entre os sujeitos. Por tudo isso, o cotidiano é marcado pela construção de acordos e pela realização de rupturas.⁴

³ O *Grupo Sinto Muito* manteve o estatuto de público até 31 de maio de 2006. A partir daí, passou a ser acessível somente para inscritos, porém o grupo é ainda de livre associação.

⁴ FRANÇA, 2002b, p.4



A experiência de ter um corpo não poderia ser algo mais banal. Temos um corpo. E o corpo é o lugar da junção da natureza e da cultura. Natureza porque ele possui uma parte biológica, material, que lhe é inexorável. E cultural, pois ele também é inscrito por determinados conteúdos: “os corpos podem ser percebidos, imitados, lidos” (LEAL, 2005, p.7). Nessa medida, o corpo faz parte da experiência cotidiana, ele nos diz dessa construção de um lugar no mundo que tanto é simbólica quanto material. As maneiras de se fazer corporificar nos discursos telemáticos e os percursos que os sujeitos seguem nas interfaces tecnológicas para materializar esta corporificação também nos dizem de um modo de fazer específico, de uma produção marcada por características peculiares da internet. Analisar as relações existentes entre a construção coletiva de sentidos para o corpo pelo *Grupo Sinto Muito* através da comunicação mediada por computador, e entender os sentidos e representações acerca do corpo pode ser um modo de compreender a construção simbólica de uma face da realidade.

Para exemplificar que o discurso produzido por indivíduos com transtornos alimentares faz parte também da esfera do ordinário. Tomamos aqui uma pesquisa feita pela revista feminina *Marie Claire*, através de uma enquete publicada no site da revista, as leitoras se pronunciaram acerca de questões relativas à forma corporal. Posteriormente, esta enquete foi publicada na revista, trazendo consigo uma reportagem sobre mulheres gordas:

Você tem preconceito contra as mulheres gordas?

66% admitiram já ter feito um comentário maldoso ao ver uma mulher gorda usando biquíni;

58% já se sentiram secretamente felizes porque a 'ex' do namorado engordou muito;

52% acham que é pior engordar 15 quilos do que reduzir o salário em 30%;

37% ficam incomodadas vendo uma mulher gorda comer hambúrguer com batatas fritas;

36% não iriam a um médico de regime que fosse gordo;

21% acreditam que as gordas são preguiçosas;

21% imaginam que, se um bonitão está com uma mulher gorda, é porque existem outros interesses;

18% dizem que uma pessoa muito gorda deveria pagar por dois assentos nos aviões;

Apesar disso, 77% gostariam de ver uma gorda como protagonista da novela das 8.⁵

A publicação registra e reforça um lugar que o corpo ocupa na mídia. E o corpo está em pauta. Conforme Leal:

⁵ <http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0%2C6993%2CEML1162418-1740%2C00.html>, acessado em 30/02/2007.

Estudos sociológicos, como aqueles conduzidos por Miriam Goldenberg (2002), no Rio de Janeiro, registram a importância dada ao corpo pela mídia, mídia essa que se integra à ‘neurose’ atual, tanto ‘retratando’, através de infundáveis notícias, publicações e imagens, quanto, da mesma forma, estimulando, alimentando essa ‘obsessão’. De fato, parece ser ponto pacífico que a mídia tem um papel fundamental na definição de padrões estéticos disciplinares (exercícios, dieta, cuidados médicos), de normas e regras para a existência, experiência, funcionamento dos corpos.⁶

Mais do que instaurar tendências, a mídia também reflete aquilo que está colocado na sociedade, aquilo que faz parte das vivências, de uma ocupação simbólica dos sujeitos. Aquilo que circula nas mídias nos diz daquilo que circula entre as pessoas, seja porque a mídia a instaura, seja porque a mídia a reflete. Esta nota publicada é significativa quando tomada como algo que nos diz sobre a visibilidade do corpo na mídia. Ela nos diz da presença, do lugar que o corpo e a forma corporal ocupam para as pessoas. O corpo é essa materialidade simbólica que se faz presente tanto objetivamente – ou seja, fisicamente – quanto nos discursos desenvolvidos pelos sujeitos.

Como a língua, o corpo é a medida do mundo, uma rede jogada sobre a multidão de estímulos que assaltam o indivíduo ao longo de sua vida cotidiana e que só retém em suas malhas os que lhe parecem mais significativos. A cada instante, o indivíduo interpreta seu meio por intermédio de seu corpo e age sobre ele de acordo com as orientações provenientes de sua educação ou de seus hábitos. A condição humana é carnal.⁷

Tomemos agora algumas frases que circulam pelo grupo de discussão *Sinto Muito*: “se tivesse anorexia, seria melhor, pelo menos continuaria magra”⁸; “Moro em SP sozinha, minha família é toda do RS. Não quero q eles me vejam com esses 5kg a mais.”⁹; “Quando como muito tenho nojo de mim por ter sido fraca, por não ter resistido...”¹⁰. Seriam as frases do *Grupo Sinto Muito* tão divergentes das idéias contidas na enquete da revista feminina *Marie Clarie*? Ou será que não temos em ambas um investimento grande com relação à forma corporal? Acreditamos numa similitude entre ambas. Não parece haver um abismo tão grande entre as opiniões expressas pelos integrantes do *Grupo Sinto Muito* e as falas da mídia. Independente das manifestações e representações de corpo que os vários veículos midiáticos trazem para o debate coletivo, é impossível não deixar de notar que o corpo está colocado nos discursos. Mídia e sociedade não podem ser pensados como esferas distintas. O discurso que aparece na

⁶ LEAL, 2005, p.1

⁷ LE BRETON, 2003, p.190

⁸ mensagem 2321, postada no data de 07/06/06

⁹ mensagem 2028, postada na data de 26/03/06

¹⁰ mensagem 2085, postado na data de 27/04/06



mídia faz parte dos discursos sociais. Assim, podemos dizer que ambos fazem parte do ordinário, ambos nos dizem da codificação e organização social em que o corpo está imbricado, das formas de atualização da corporalidade para os sujeitos. Esses indivíduos com transtornos alimentares não são algo alheio a nós; eles nos trazem uma representação aumentada de um aspecto da nossa sociedade. Talvez na lista de discussão *Sinto Muito* haja a emergência de um palco privilegiado, uma amostra acentuada que preconiza o que ocorre nas áreas cinzas da sociedade.

Corporalidade

O pensamento de René Descartes foi um divisor de águas no que tange à questões relativas ao corpo e a corporalidade, com conseqüências que chegam até nós nos dias de hoje. A partir da doutrina cartesiana e da argumentação que ele estabeleceu a respeito da consciência, operou-se uma divisão entre o corpo e a mente. Descartes, em seu clássico *Discurso sobre o Método*, expõe o desenvolvimento do seu raciocínio para explicar o que ele chamou de “método da dúvida”. Seu juízo se desenvolve duvidando de tudo o que ele não poderia ter certeza. Isto se traduzia por dúvidas da verdade da razão e da lógica, da existência do mundo físico, ou mesmo da sua existência corporal, que segundo seu argumento, poderia ser fruto de uma alucinação onírica, ou de um delírio. Contudo, a única coisa que Descartes conclui que não poderia negar era o fato de que ele pensava que existia.

(...) examinando com muita atenção o que eu era e concluindo que podia fingir não ter corpo e não havia mundo ou lugar em que me encontrasse, mas, ao mesmo tempo, não podendo fingir não existir, sendo bastante o fato de duvidar da verdade das outras coisas para ficar demonstrado, de modo muito certo e evidente, que eu existia, enquanto que bastaria deixar de pensar, ainda que admitindo como verdadeiro tudo que imaginasse, para não haver razão alguma que me induzisse a acreditar na minha existência, concluí de tudo isto que eu era uma substância cuja essência ou natureza reside unicamente em pensar e que, para que exista, não necessita de lugar algum nem depende de nada material, de modo que eu, isto, a alma, pela qual sou o que sou, é totalmente diversa do corpo e mesmo mais fácil de ser reconhecida do que este e, ainda que o corpo não existisse, ela não deixaria de ser tudo o que é.¹¹

Se era possível questionar sua existência material, corporal, sem, para tanto, questionar sua existência enquanto um ser pensante, logo tal existência consciente deveria ser algo distinto da existência corporal. A alma, ou mente, tomada como um sinônimo de consciência, passou a figurar como definidor do sujeito, conjeturada na máxima “penso, logo

¹¹ DESCARTES, 1978, p.67

existo” (*cogito ergo sum*). A consequência primeira que este pensamento reflete é a exclusão de um lugar para o corpo. O corpo, nulificado, passa a ser entendido como mero suporte para a circulação do indivíduo-consciência; a anatomia adquire um caráter de acessório da presença.

Embora essa discussão sobre a dicotomia corpo/mente já esteja relativamente superada, especialmente no que tange ao campo filosófico, ela se torna importante na medida em que aponta para o princípio da percepção e, em consequência, da ponderação sobre o corpo na contemporaneidade. Pode-se perceber que a concepção do sujeito moderno sofreu uma série de descentramentos através de uma cadeia de rupturas nos discursos do conhecimento contemporâneo. De acordo com Santaella (2004), quatro grandes desdobramentos que ocorrem após a concepção de Descartes podem ser tomados como importantes para se repensar esta relação corpo-mente. Essas idéias foram responsáveis não exatamente por uma mudança de posição, mas de uma problematização sobre o corpo e das relações que os sujeitos estabelecem com este.

Uma dessas aberturas é a idéia advinda, de acordo com Silva (2000), das mudanças provocadas pelo pensamento dos pós-estruturalistas como Foucault, Deleuze, Derrida, Lacan, etc. Tais idéias culminam com uma crise do conceito de eu. Se num primeiro momento as construções que existiam aludiam a uma existência de uma forma coesa e integrada de sujeito, após estes pensadores o que se imprime é uma concepção ontológica dos seres humanos como sujeitos fragmentados. Na prática, isso dá origem a uma mudança estrutural que vêm fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. E também a percepção de uma identidade corporal. Se antes estas identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas (HALL, 2002).

A segunda razão também decisiva com relação a uma problematização do corpo é a enorme proliferação de imagens – sobretudo imagens do corpo – que as diversas mídias ajudam a colocar em evidência. Esta constante exposição dos corpos é indicial da diluição das fronteiras entre o público e o privado; não há clareza sobre o que é objeto da intimidade dos sujeitos e o que deve ser colocado na esfera pública. Os corpos colocados em pauta pela mídia “são discursos que refletem e orientam normas de comportamento (moral) e provocam discursos que refletem sobre essas normas e valores em questão (ética)” (FRANÇA, 2002b, p.11). Retomando as idéias de Foucault, podemos pensar que os corpos, sobretudo nas esferas midiáticas, passam a receber sentido pelos discursos, constituindo-se neles. “O corpo desaparece como entidade biológica, tornando-se um produto socialmente construído que é



infinitamente maleável e altamente instável” (FOUCAULT, *apud* SANTAELLA, 2004, p.19). O sujeito é, assim, refeito a cada instante em que se dá sua enunciação. São tantos os sujeitos quantos são os discursos.

Uma idéia muito próxima a esta, também responsável pela mudança que se opera no conceito de sujeito, e conseqüentemente de corporalidade, refere-se às novas técnicas médicas e de engenharia genética. Estas novas tecnologias e descobertas científicas propiciaram uma mudança na maneira como observamos, transformamos e manipulamos nossas funções corporais, bem como nosso conceito de corpo. A modificação corporal atua aqui como um modo de romper com a orientação da existência do sujeito. Se há uma materialidade inerente à existência, e se essa materialidade é modificável, existiria também uma possibilidade de modificação da própria existência. Há, nessa relação, uma certa presunção de plasticidade corporal, de maleabilidade de si próprio oferecida pelas cirurgias estéticas, pelas drogas farmacológicas, pela inserção de próteses de todos os tipos, etc. A modificação que se opera nessa relação é como se o sujeito tomasse para si o controle da sua própria existência. E vai além: é como se a idéia de existir tivesse certa potência, uma virtualidade dada pela materialidade, mas que ao se colidir com as possibilidades de alterações físicas, termina por deixar a impressão de paridade entre a experiência física e existencial. Ao alterar-se fisicamente, altera-se também o curso do ser. Há, nesse ponto, uma grande aproximação com a idéia da multiplicidade de discursos sobre o sujeito. A modificação corporal é encarada como um modo de romper com a existência, atuando primeiramente no imaginário e colidindo com a relação do indivíduo com o mundo. (LE BRETON, 2003, p.30)

Há ainda uma quarta passagem fundamental. A virtualização da realidade materializada nas redes telemáticas nos ajuda a compor e fechar o panorama sobre os ensejos que transformaram as fronteiras do humano e de sua corporalidade. Na internet, podemos insinuar a vida cotidiana inteira, seja nos seus aspectos de materialidade corporal ou – preponderantemente – na sociabilidade que emerge neste processo. A relação entre os novos dispositivos tecnológicos e o corpo físico natural articularia assim atualizações e virtualidades.

Não se trata aqui de colocar o corpo como uma questão no lugar do sujeito, que se encontra em crise. O corpo aparece principalmente quando se conectam estas perspectivas da fragmentação do sujeito, da proliferação de imagens, das novas tecnologias médicas e da virtualização da realidade. “O corpo é a superfície inscrita dos eventos, traçada pela linguagem e dissolvida pelas idéias, o *locus* de um eu dissociado, adotando a ilusão de uma



unidade substancial - um volume em desintegração” (FOUCAULT *apud* SANTAELLA, 2004, p.20).

Por ocupar este lugar de inscrição é que o corpo se torna um índice efetivo para entendermos as operações que se colocam hoje na maneira como definimos o mundo, como significamos a nossa existência, e, conseqüentemente, como nos colocamos no mundo. Se o corpo é o lugar, segundo Foucault, de predileção do discurso social, torna-se necessário olhar para estes diálogos que atuam entre os sujeitos dentro do campo social como forma de compreender o corpo.

As interações sociais que emergem nas esferas telemáticas fazem parte dos processos sociais cotidianos para um número expressivo de indivíduos que já se encontram de alguma forma conectados ao ciberespaço. Estas interações já fazem parte da vivência, da experiência dos sujeitos. Devemos lembrar que há certa contigüidade entre os domínios *on* e *off line*. Os laços sociais que são mobilizados no primeiro possuem um grau de semelhança grande com os laços sociais do mundo *off line*. É claro que a internet também termina por deixar suas peculiaridades próprias impressa nessas interações. Mas não se pode desconsiderar certa contigüidade. Haveria, portanto, uma coerência em se examinar os discursos produzidos pelos sujeitos sobre o corpo nestes ambientes emergentes na nossa contemporaneidade.

Por sua vez, as listas ou grupos de discussão apresentam características de uma interatividade que se define por uma reciprocidade entre os interlocutores. Está presente uma alternância de fala, o que nos faz pensar que estas listas ou grupos produzem discursos dialogais. “Os atos dialógicos ocorrem sempre quando o enunciado de um locutor responde ao discurso de um outro locutor, ou em outras palavras, dá-se em todas as situações onde o enunciado produza efeito ou sentido”.¹² Nessa medida, as listas de discussão por e-mail podem nos dar indícios de como se fabricam os discursos dialogais, uma vez que os grupos permitem a interlocução participativa dos sujeitos na condução de um fio narrativo pelo qual estes mesmos sujeitos se relacionam.

Uma construção conjunta de sentidos

A lista de discussão por e-mail que propomos investigar tem início de atividades em outubro de 2002, reunindo um grupo de pessoas com transtornos alimentares como anorexia, bulimia e o comer compulsivo,

¹² BRETAS, 2004, p. 218



cujo objetivo primordial é incentivar a busca de tratamento especializado para estas doenças. Paralelamente a isso, é um espaço onde os membros podem expor suas dúvidas, compartilhar seus sofrimentos e êxitos e trocar experiências com outros indivíduos, tendo em vista a grande dificuldade que as pessoas que passam pela experiência de doenças como estas têm em ser compreendidas pelos profissionais de Saúde e por seus familiares.¹³

Este grupo conta atualmente¹⁴ com a participação de 873 pessoas, número expressivo, embora muitos dos participantes possam ser considerados como *lurkers*¹⁵. O grupo encontra-se classificado como categoria “Apoio”. Isto é relevante, pois aponta, de alguma maneira, que este pode se tratar de um sistema cooperativo na rede. A própria definição elaborada pelo grupo sobre o que ele é já nos indica algo de uma prática que pode ser solidária. Alguns e-mails do grupo parecem sustentar com um vigor mais translúcido essa questão da cooperação:

Oi, gostaria que vcs indicassem algum psicólogo ou psiquiatra para que eu possa me tratar. Sempre fui contra este tipo de tratamento, achava que eles não poderiam me ajudar porque não sabiam o que eu passo. Mas nos últimos dias cheguei 'a conclusão que sem tratamento não vou chegar a lugar nenhum... Estou há 3 meses sem miar¹⁶, tomar laxantes ou qualquer tipo de drogas como estas, mas em alguns momentos faltam forças, por isto preciso de um tratamento...
Obrigado.¹⁷

Muito explicitamente a autora da referida mensagem recorre ao grupo como forma de conseguir algum tipo de ajuda para o problema pelo qual ela passa. A lista de discussão se coloca não apenas na sua descrição, mas também na práxis do seu funcionamento, como um canal para se conseguir algum tipo de ajuda para as questões pelas quais passam seus participantes. Mas além dessa ajuda, que nos parece mais palpável e concreta (o pedido de uma referência de um centro de tratamento ou ajuda profissional) existe uma questão colaborativa mais subjetiva que parece perpassar o grupo.

Oi, Manuela.

Sabe uma coisa que me chamou atenção na sua mensagem? Você mencionou a frieza e distância do seu marido, e quando tentou chamá-lo para conversar, a

¹³ Descrição do Grupo, <http://br.groups.yahoo.com/group/sintomuitogrup>, capturada em 31/05/05.

¹⁴ Todos os dados referentes ao grupo *Sinto Muito* foram coletados no dia 31/05/06.

¹⁵ *Lurkers* são os usuários que integram uma lista mas com uma postura um pouco mais passiva. Lêem os emails, mas geralmente não respondem ou postam comentários novos.

¹⁶ “miar” é o termo utilizado por anoréxicas e bulímicas para se referir ao ato de vomitar.

¹⁷ mensagem 2104, postada no data de 03/05/06



resposta dele também foi a de distanciamento. E você ficou com a culpa e a responsabilidade de salvar o casamento... E não é bem assim: o casamento é uma relação a dois, e os dois tem igual responsabilidade em fazer as coisas andarem pra frente, em resolver os problemas. Na prática, eu sei que as coisas quase nunca funcionam assim. Principalmente porque a posição do homem na nossa cultura é complicada. Os homens no Brasil ainda são criados com aquele viés da masculinidade tradicional, e tem muito pouco preparo pra lidar com sentimentos. A frieza e o distanciamento muitas vezes são uma resposta defensiva nessa linha. Soma-se a isso o fato de nossa cultura achar que sentimentos e conflitos emocionais (as mulheres são as instáveis, as neuróticas, as que tem tpm) são coisas da esfera feminina. Os homens são educados a passar por cima disso, a empurrar essas explosões emocionais pra debaixo do tapete, como se isso fosse uma demonstração de força e masculinidade. (...) De repente, você pode colocar o problema pro seu marido em outros termos. Dizer que você precisa da ajuda dele, que você ainda é aquela pessoa por quem ele se apaixonou, mas que está passando por dificuldades com as quais não sabe lidar. Que ele também não tenha solução pra isso não é problema. Afinal, casamento não é exatamente um compromisso entre duas pessoas pra enfrentar o futuro desconhecido juntos? Atribuir a responsabilidade pela dificuldade que vocês enfrentam no seu relacionamento ou à frieza dele ou às suas neuroses só complica a situação. As duas coisas são sintomas do mesmo problema. Os dois são igualmente vítimas, e ao mesmo tempo, responsáveis pra trabalhar as dificuldades e resolver os problemas. Acho que vale a pena você procurar ajuda profissional, uma terapia, pra te ajudar a enfrentar todas essas mudanças e reajustes, e a trabalhar os sentimentos que estão aflorando nessa hora de uma forma meio desorganizada. Também pode ser interessante pensar em algumas sessões de casal, pois são dificuldades que não afetam só a você, mas também ao seu marido - e as dificuldades dele também entram no jogo. Espero ter ajudado em alguma coisa. E conte com a gente para apoio moral nas horas em que a coisa fica difícil.¹⁸

A ajuda que está contida nessa mensagem parece ser de natureza um pouco mais imaterial. Se pensarmos na maneira como a participante autora da mensagem se coloca e elabora a questão, suscitando a reflexão por parte de seus interlocutores acerca das questões em pauta na lista de e-mails, podemos cogitar a possibilidade de haver ali uma experiência compartilhada. Assim, podemos retomar uma idéia anterior explicitada aqui sobre o lugar de partilha, de experiência. Se os participantes conseguem ocupar um lugar de construção simbólica e humana, é possível presumir que essa experiência se constitua como um trabalho de construção de um lugar no mundo. Ainda: essa partilha da experiência nos é indicial de uma configuração de comunidade pelos participantes, de acordo com o trabalho desenvolvido por Steven Johnson. Embora tal conceito de comunidades possa ser deveras controverso, compreendemos que ela “expressa um sentido de conexão interpessoal e organização interna”¹⁹. Os laços fortes de natureza simbólica que permeiam a relação estabelecida nesse

¹⁸ mensagem 2171, postada no data de 17/05/06.

¹⁹ BAYM, apud VIDIGAL, 2002, p.37



meio é o que nos dá subsídios para entender que relação é essa situada entre os participantes. Assim sendo, percorrer um fio narrativo para os participantes do *Sinto Muito* pode ser o que viabiliza que ali se estruture uma comunidade.

Mas há ainda que se pensar se o *Grupo Sinto Muito*, como um grupo de discussão que se dá na internet, também possui características próprias desse fazer cotidiano através da interface que ele oferece. Os textos, as imagens, a interface gráfica, e quaisquer outras possibilidades marcadamente próprias também participariam na construção dessa narrativa, impingindo marcas que são particulares ao meio em que ela aparece.

Olá,
Esta mensagem é uma notificação para informá-lo que um novo arquivo foi adicionado no grupo *sintomuitogrupo*.
Arquivo : /Funcionamento e Regras do Grupo Sinto Muito.doc
Carregado por : tambemsintomuito <tambemsintomuito@...>
Descrição : Mensagem sobre o funcionamento e as regras do grupo.
Você pode acessar o arquivo pela URL:
<http://br.groups.yahoo.com/group/sintomuitogrupo/files/Funcionamento%20e%20Regras%20do%20Grupo%20Sinto%20Muito.doc>
Para saber mais sobre compartilhamento de arquivos no grupo, leia:
<http://help.yahoo.com/help/br/groups/files>
Atenciosamente,
tambemsintomuito <tambemsintomuito@...>²⁰

A mensagem acima transcrita é uma mensagem automática de carregamento de arquivo feito ao grupo. O sistema funciona da seguinte maneira: quando alguém – notadamente a moderação, que no caso do grupo é a única pessoa autorizada a fazer este tipo de intervenção – disponibiliza um arquivo para os demais membros através do sistema de compartilhamento de arquivos do Yahoo grupos, o sistema envia uma mensagem automática informando a todos sobre o arquivo: onde ele se encontra, do que ele trata, quem o disponibilizou. Mas a maneira de se fazer isso é o que nos chama a atenção. O sistema emula a maneira de interagir dos demais participantes. Ele envia um e-mail cujo cabeçalho em nada denuncia que se trata de uma mensagem automática pois ele traz marcas comuns aos demais e-mails: o nome de quem enviou é o de quem disponibilizou o arquivo; a data é a data de carregamento; e o e-mail que aparece estampado também é o de quem está envolvido nessa operação. Quanto ao corpo do e-mail, conforme podemos ver na transcrição acima, se inicia com um pessoal “olá”, como se estivéssemos flagrando numa conversa usual. Tudo é feito de maneira a camuflar a experiência da mediação. Steven Jonhson defende a idéia da sedução

²⁰ mensagem 2254, postada no data de 29/05/06



que a interface impinge ao usuário. Para ele, muito dessa sedução está contida na maneira como as interfaces escondem a mediação. E o que é essa interface? Assim afirma o autor:

Em seu sentido mais simples, a palavra se refere a *softwares* que dão forma à interação entre usuário e computador. A interface atua como uma espécie de tradutor, mediando entre as duas partes, tornando uma sensível para a outra. Em outras palavras, a relação governada pela interface é uma relação semântica caracterizada por significação e expressão e não por força física.²¹

É dessa maneira que o computador ou o Yahoo grupos termina por deixar marcas de certa familiaridade. Ao simular o usuário comum, o sistema congrega sua atenção numa relação permeada pela sedução simbólica. Mas ao mesmo tempo, essa maneira de dizer aos participantes que um arquivo está disponível não é garantia de que os interlocutores efetivamente, após lerem a mensagem, se engajarão em navegar pelo link ao qual a mensagem se refere. O interessante em se atentar para este detalhe é que, em última instância, significa que essa maneira própria de comunicar através dessa mensagem conforma, de alguma maneira, o modo pelo qual os interagentes do grupo agirão posteriormente. É uma escolha da moderação levar ao conhecimento dos participantes sobre arquivos disponíveis dessa forma, assim como é escolha dos participantes efetivamente navegar por tais *links* ou não. E todas essas escolhas culminam na configuração do agir em seguida que terá a oportunidade de se materializar nos discursos do grupo.

E, diante dessa perspectiva que enlaça a dimensão cooperativa, a partilha da experiência e a conformação dada pela interface, pretendemos olhar para os discursos desses sujeitos sobre seus corpos, entendendo o corpo como um texto. De acordo com Leal,

Pensar o corpo como texto, portanto, é observar os movimentos passados, nele materializados, nele remanescentes, e os movimentos presentes que ele performa. Pois é o movimento, ou o que resta dele, que constitui o texto do corpo, que atualiza os códigos sociais nele investidos, cultivados, o que fornece os elementos que instruem o espectador, que, enfim, o “lê”.²²

É a partir de uma visada sobre essas dimensões e de suas inter-relações que temos condições de dimensionar qual o ângulo de exame que queremos conferir ao nosso objeto. Deste modo, é preciso verificar os movimentos que os sujeitos fazem na escritura desse corpo através da comunicação mediada por computador. Como se dá a construção conjunta desta corporalidade no *Grupo Sinto Muito* e dos vários textos que nele circulam?

²¹ JONHSON, 2001, p.17

²² LEAL, 2005, p.3

=> Para "b."

Engraçado, a sua carta foi umas das primeiras com que eu me identifiquei, eu também não gosto de corpo magro, nem de quero emagrecer mais, só que não consigo parar. (...) Faz 02 meses que minha vida virou de ponta-cabeça. Operei de redução de estomago e fiquei 01 ano vomitando, já estou com baixo peso, perdi tudo que era pra perder e agora tenho que engordar 03 kg para sair do risco, porque estou desnutrida, mas mesmo sabendo de todas as consequencias não quero engordar, só que odeio me ver no espelho porque não quero ser magrela, ao mesmo tempo não me vejo assim, ainda acho que sou gorda. (...)

Com relação ao Japão tb te entendo porque sou casada com um e a família dele toda me estranhou porque eu era gorda demais, eles preferem as mulheres pequenas, apesar de nunca terem me discriminado, e a tia que mora lá me contou como é sério o problema da anorexia e do culto as mulheres magras aí. Mas você pode tentar conversar com outros brasileiros aí, tem tantos...²³

Notadamente, existem referências muito explícitas não só à uma noção de corporalidade pela autora da mensagem. Há também uma referenciação aos dizeres que circulam na sociedade, sejam esses discursos proferidos pelo saber comum nas conversas cotidianas ou pela mídia, forma reconhecidamente de se veicular os conteúdos sociais. Ao dizer da sua vontade enquanto sujeito sobre seu próprio corpo (“eu também não gosto de corpo magro, nem de quero emagrecer mais, só que não consigo parar”), o sujeito modifica e traz à tona seus valores, seu sentido próprio para pensar sua corporalidade. É dentro dessas conversas que se tece uma maneira de estar no mundo. Ao responder a um outro e-mail – a palavra “também” é aquela que denota que se trata de uma continuidade de fala, do curso de um fio pelo qual vão sendo tecidos esses discursos – a interlocutora faz emergir um sentido que lhe é próprio e que é demarcadamente dado pela possibilidade destas conversações, deste discurso.

Sinto Muito, mas esse discurso é nosso

A internet é um espaço de negociação. A rede é esta metáfora que nos permite perceber como se dão as relações sociais e a dinâmica dos processos comunicativos da sociedade. É um viés que pode ser tomado para se compreender como as relações - tanto os processos de produção quanto os de troca de sentido - se produzem. Citado por França, Serres deixa claro que se trata de um modelo à maneira de:

(...) um diagrama em rede, desenhado num espaço de representação. Ele é formado num dado instante (...) por uma pluralidade de pontos ligados entre si por uma pluralidade de ramificações (caminhos). Cada ponto representa ou uma tese, ou um elemento efetivamente definível de um conjunto empírico determinado. Cada via é representativa de uma ligação ou de uma relação

²³ mensagem 2098, postada no data de 01/05/06.



entre duas ou mais teses, ou de um fluxo de determinação entre 2 ou mais elementos desta situação empírica.²⁴

É esta coleção de nós que se entrelaçam, marcada por uma multiplicidade de conexões, caracterizada por fluxos e circulações que é a rede. É, portanto, a partir dessas junções, dos entrecruzamentos contínuos e em movimento que conformam essa estrutura reticular que problematizamos como se dão essas relações de produção e troca de sentidos que são expressos através dos atos linguageiros. Pelos exemplos levantados, podemos notar que a dinâmica relacional se encontra no cerne das preocupações da comunicação. Seja colocada diante da perspectiva cooperativa, que emerge na pragmática da comunicação como uma base tática que auxilia na implementação de uma inteligência distribuída em rede, criando um cenário onde o crescimento é calcado na partilha dos significados experimentados; ou pensando em como as cenografias da tela ou as interfaces evidenciam a possibilidade de interação caracterizada pelo significado e expressão.

Assim, podemos pensar, a partir da dinâmica interativa, que as trocas de sentido do *Sinto Muito* acontecem num mesmo nível. A produção de sentido é um processo que transita da virtualização para a atualização. E necessariamente dependem do sujeito – seja ele individual ou coletivo – que é capaz de incorporar as representações veiculadas. Fica claro que os discursos, as falas emitidas nas conversações ordinárias do grupo *Sinto Muito* se constituem de uma maneira reticular. E estas falas não devem ser entendidas como entidades autônomas, mas sim como pontos pertencentes a um contexto mais abrangente. Elas não se constituem em simples informações isoladas, mas sim como atos de linguagem parte de uma rede de conversações, afetando aqueles que os realizam perante si mesmos e aos outros. Dessa forma, o discurso do *Sinto Muito* deixa de ser pertencente a um universo isolado, para fazer parte de um contexto mais amplo: somos afetados à medida que estamos todos entrelaçados pela rede. Os discursos que circulam no *Sinto Muito* são um liame, atravessado por diversas possibilidades de percursos na ampla rede do social.

Referências Bibliográficas

BRETAS, MARIA BEATRIZ ALMEIDA SATHLER. *Interações híbridas*. In: BRASIL, André; FALCI, Carlo H.; JESUS, Eduardo; ALZAMORA, Geane. (Org.). *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

²⁴ SERRES, apud FRANÇA, 2002a, p.68)



BRETAS, Maria Beatriz Almeida Sathler; CARDOSO, Ana Maria Pereira. *Interações telemáticas: estudo sobre jovens internautas de Belo Horizonte*. 2000. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciência da Informação, Belo Horizonte.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano, 1 : artes de fazer*. 10. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2004.

CORDÁS, T. A. *Fome de Cão*. Anorexia, Bulimia e Obesidade. São Paulo: Maltese, 1995.

DESCARTES, René. *Discurso Sobre o Método*. São Paulo: Hemus, 1978.

FRANÇA, Vera. *Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação*. IN: PRADO, José Luis Aidar. *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker, 2002a.

FRANÇA, Vera. (org) *Narrativas do Cotidiano - na mídia, na rua*. FASE II: Consonância e dissonâncias no âmbito da comunicação. Projeto Integrado de Pesquisa. Belo Horizonte, 2002b.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface*. Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Tradução: Maria Luiza de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papiрус, 2003.

LEAL, B. S. *Do cultivo do corpo, na mídia, na rua*. In: Congresso da Compós, Niterói, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano*. In: HARAWAY, Donna. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TAVANO, Silvana. *Porque o mundo odeia as gordas*. Marie Claire, abr. 2006. Disponível em <http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0%2C6993%2CEML1162418-1740%2C00.html>

VIDIGAL, Leonardo Alvares; BRETAS, Maria Beatriz Almeida Sathler. *O reggae mediado por computador: apropriação cultural e convivência em uma lista de discussão*. 2002. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.